

HILÁRIO; Rosângela Aparecida<sup>1</sup>, RIBEIRO; Maria Angélica Souza<sup>2</sup>, VIEIRA; EDUARDA FRANCELINO<sup>3</sup>, PEDROSA; Miriam Rodrigues<sup>4</sup>, OLIVEIRA; Sâmia Valéria<sup>5</sup>

## RESUMO

CARTOGRAFANDO O HORIZONTE A SER OCUPADO: O DIREITO A MEMÓRIA NO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM ESPAÇOS AMAZÔNICOS A reflexão aqui proposta apresenta os resultados preliminares, de uma pesquisa em desenvolvimento, sobre o acesso a memória e história das heroínas negras nos livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático. A reflexão se estrutura numa perspectiva de acesso a memória e a história como direito subjetivo, ou seja, inerente a condição humana e pressuposto para o sentido de pertencimento, analisando o apagamento de mulheres como Aqualtune, Tereza de Benguela, Antonieta de Barros, Laudelina de Campos Barros, Luiza Barrios, Dandara dos Palmares, e Mãe Menininha do Gantois, na luta contra o racismo e o sexismo que atingem de maneira cabal as mulheres negras. Foram analisados os editais de 2019 (os editais são feitos com dois anos de antecedência) até 2022, a composição das equipes organizadoras por raça e gênero, o processo de escolha dos livros em quatro regiões da cidade de Porto Velho, totalizando oito escolas com presença de pessoas estudantes majoritariamente negras, o quantitativo de conteúdos e a chegada destas coleções às escolas. As discussões sobre conteúdos foram desenvolvidas a partir das propostas contidas em livros de língua portuguesa, história e artes para estudantes do quarto e quinto ano. Os resultados indicam, que a importância da mulher negra para estruturação da sociedade brasileira praticamente desapareceu dos debates nos últimos dois editais (2021 e 2022) ou estão mistificados sobre a sombra da “democracia racial”. **Eu não sou daqui, mas eu não ando só: a coleta de dados para cartografar a memória do povo negro** A pesquisa tem como objetivo geral compreender como os livros didáticos utilizados nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), contribuem para fortalecer a percepção em meninas negras de que devem ficar menores para caber em espaços, negando-lhes o direito a memória e o conhecimento de sua história e ancestralidade como parte essencial do desenvolvimento de pertença e orgulho de sua identidade racial. A abordagem da pesquisa é qualitativa, do tipo de pesquisa descritiva, com fase bibliográfica e documental, e de campo, rodas de conversa durante o processo de escolha do livro didático e conceitos e referências que desenvolvem estudos no campo educacional, de raça e gênero. O método para mensurar os impactos das ausências nos livros didáticos foram as rodas de conversas sobre o sentido de pertencimento, a escuta amorosa e atenciosa sobre o sentido de pertença a partir de brincadeiras e propostas contidas nos livros didáticos e sobre como a formação docente impacta o desenvolvimento de rotinas para além do livro didático. Ou seja, as escrituras são uma metodologia adequada para produção da reflexão, considerando que, sujeitas e pesquisadoras estão misturadas na produção de respostas, propostas e novas questões. **Cadê minha história que estava aqui? A extrema direita comeu** O processo de organização do livro didático que chega à escola até 2019 seguia normas que buscavam salientar a importância da busca da igualdade racial para assunção do Brasil a condição de um país desenvolvido e socialmente justo, cuidado com o combate ao racismo, ao sexismo que orienta práticas de colocação profissional e combate à violência doméstica, por exemplo, fizeram parte dos editais e da produção de conteúdos pelas equipes das editoras. Desta forma, ainda que não com a profundidade

<sup>1</sup> UNIR/DIVERSITAS/USP, rosangela.hilario@unir.br

<sup>2</sup> DIVERSITAS/USP, donamariaribeiro@gmail.com

<sup>3</sup> GRUPO DE PESQUISA ATIVISTA AUDRE LORDE, eduardafrancelino18@gmail.com

<sup>4</sup> UNIR, mirianrp53@gmail.com

<sup>5</sup> UNIR, samia.olivei@gmail.com

desejada entre os anos de 2003 e 2016 de maneira incisiva, e entre 2016 e 2019, de maneira mais “tímida” a discussão orientou organização de livro didático e formação de professoras. As crianças puderam ter acesso a história de Zumbi de Palmares, Dandara, José do Patrocínio, Castro Alves, os irmãos Rebouças, ou seja, figuras eminentemente masculinas. Os livros de língua portuguesa analisados, na Zona Leste da cidade de Porto Velho traziam a história (de forma incipiente) de Dandara e só. Ainda assim, como “esposa” de Zumbi e não na identidade de guerreira quilombola resgatada pelo Movimento Negro. Nenhum livro citava Tereza de Benguela e sua importância para o quilombo de Quariterê e criadora da primeira escola fora da capital da “Colônia”. Nenhum livro citava Aquilino como a grande mentora e conselheira de Zumbi. Nenhum livro estudado apresenta a história das irmãs Johnsons para o processo de institucionalização da escola em Porto Velho. A Região Norte do país raramente recebe os livros que foram escolhidos, as coleções mudam capas, mas os conteúdos permanecem o mesmo desde 1980, não atendendo as demandas emergentes da contemporaneidade. A escrita de pesquisas e reflexões sobre as vivências de mulheres negras são sempre muito dolorosas: é um constatar constante de que nossa existência parece se pautar para o não lugar e a subalternidade: nem direito a história e memória temos: nossas escrituras nem são consideradas ciências e são descartados por pesquisadores e pesquisadoras brancas da academia. Continuam nos querendo apagadas nos livros e invisibilizadas na vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória, Livro didático, Feminismo Negro, Movimento Negro, Democracia Racial

<sup>1</sup> UNIR/DIVERSITAS/USP, rosangela.hilario@unir.br

<sup>2</sup> DIVERSITAS/USP, donamarianibeiro@gmail.com

<sup>3</sup> GRUPO DE PESQUISA ATIVISTA AUDRE LORDE, eduardafrancelino18@gmail.com

<sup>4</sup> UNIR, mirianrp53@gmail.com

<sup>5</sup> UNIR, samia.olivei@gmail.com